

AFONSINA

III

2022



**MESTERES
E MESTEIRAIS NA
IDADE MÉDIA**

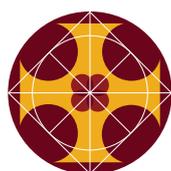


MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES

AFONSINA

III

2022



MESTRES E MESTEIRAS NA IDADE MÉDIA

Os artigos deste número da revista Afonsina resultam das conferências e comunicações apresentadas nas III^{as}. Jornadas Históricas, realizadas em Guimarães, em 25 de junho de 2022.

ÍNDICE

Editorial

PAULO LOPES SILVA

1

Un oficio tradicional: el trabajo de la piel (siglos XV-XVI)

RICARDO CÓRDOBA DE LA LLAVE

3

Da pele se faz ofício: correeiros, sapateiros, seleiros e dos demais que trabalham o couro na Guimarães Medieval

AIRES GOMES FERNANDES

19

Os ofícios do têxtil e do vestuário em Guimarães na Idade Média

JOANA SEQUEIRA

37

O abastecimento e consumo de carne no Entre-Douro-e-Minho nos finais da Idade Média: o contributo dos carneiros vimaranenses

MARIANA CABRAL

51

Mesteres e mesterais na Idade Média em Portugal

ARNALDO SOUSA MELO

61

Da pele se faz ofício: correeiros, sapateiros, seleiros e dos demais que trabalham o couro na Guimarães Medieval

AIRES GOMES FERNANDES
LAB2PT, UNIVERSIDADE DO MINHO
airesgf@gmail.com

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), no âmbito do Projeto MedCrafts – Regulamentação dos mesteres em Portugal nos finais da Idade Média: séculos XIV e XV, Ref.^a PTDC/HARHIS/31427/2017.

Resumo

O presente estudo incide sobre a importância dos couros na atividade económica e social vimaranense nos séculos XIV e XV. Relevar-se-á o papel do Rio de Couros e da zona envolvente, mormente a Rua de Couros, como centro nevrálgico de toda a “indústria” de curtumes. Importa, desde logo, perceber quem eram os detentores dos pelames, covas, aloques e lagares, onde a pele era preparada, e ver o papel dos mesterais na procura e gestão desses meios de transformação. Procurar-se-á estabelecer uma correlação entre este espaço, onde a curtimenta perduraria por séculos, e o peso e abrangência desta atividade na Guimarães medieval, à qual múltiplos mesteres e mesterais estavam associados, quer os que se envolviam diretamente no tratamento e transformação das peles, quer aqueles que usufruíam do couro como matéria-prima essencial para o desenvolvimento da sua atividade laboral. Excluiremos desta abordagem os carneiros, por integrarem uma fase antecedente ao processo e se tratar de pele viva, mas falaremos de outros oficiais, cujo trabalho estava diretamente relacionado com o couro, desde a preparação e tratamento da pele até à sua utilização final nas diversas oficinas. Centrar-nos-emos, assim, nos peliteiros, correeiros, sapateiros e seleiros, sem esquecer outros mesterais que contactavam e utilizavam o couro, mesmo que de forma pontual, porque não podemos omitir a sua constante e relevante presença em múltiplos objetos do quotidiano, desde o calçado às armas, aos arreios e apetrechos. Procuraremos identificar alguns desses mesterais, bem como os locais onde exerciam o seu trabalho. Tentaremos perceber, a partir do levantamento da quantidade de mesterais que se dedicam a alguns desses ofícios, o impacto dessas atividades na comunidade e de que modo se manifesta na economia local, em determinados períodos específicos. Existem, naturalmente, outros agentes importantes ligados a esta “indústria”, nomeadamente os mercadores, que têm um papel importante na comercialização das peles e, por isso, também serão referenciados.

Palavras-chave: Couros, Guimarães, Idade Média, Mesteres.

1. Os couros em Guimarães: implantação e estruturas

É sobejamente conhecida a ligação de Guimarães à indústria dos curtumes, uma atividade secular que remonta ao período medieval e para o qual está devidamente documentada. Já na Idade Média, constituía-se como um dos grandes motores da economia da vila de Guimarães, alimentando diversos sectores e atividades correlacionadas, mas também exportando quer os couros quer os produtos transformados ou acabados para outros locais. A própria toponímia revela a importância e projeção dos couros, havendo, ainda no final do século XIII, mais concretamente em 1297, uma referência à Rua Peliteira¹, embora aquela que mais importância adquirirá e que surge constantemente mencionada é a Rua de Couros, artéria que ainda hoje subsiste. Essa ligação toponímica estende-se ao rio de Couros, na projeção dessa mesma rua, onde ainda se preserva um interessante conjunto de tanques, o que nos permite ter uma ideia muito aproximada daquilo que se vivenciava na Idade Média. Esta zona de Couros encontra-se assim umbilicalmente ligada à curtimenta, num espaço em que se conciliava a existência de um pequeno curso de água, elemento essencial em todo o processo dos curtumes, com a localização adequada, na periferia da vila (MELO, 2021: 84). Situavam-se e concentravam-se os curtumes no arrabalde da vila, como acontecia na generalidade das localidades onde proliferava este género de indústria. O facto de ser empurrada para fora dos aglomerados populacionais justifica-se por ser uma atividade extremamente poluidora. É que além de sujar e contaminar a água, também produzia cheiros nauseabundos (FERREIRA, 2010: 295), provenientes das peles e excessos retirados, bem como das substâncias e dejetos utilizados na sua preparação. Aqui estamos a falar da casca de carvalho, do sumagre e dos excrementos de pombo e cão, que eram utilizados no processo de curtimento (CARVALHO, 1942; PINTO, 2012: 263). Passou também a utilizar-se a pedra de ume (alúmen de potássio), um elemento mineral cuja extração foi regularizada por D. Dinis, em 1301, com a concessão da exploração do ume em Portugal a um conjunto de indivíduos, incluindo um inglês². Era aqui que se localizavam as infraestruturas necessárias a todo o processo dos curtumes, mormente os tanques, que na Idade Média surgem designados sob outra terminologia, falando-se essencialmente de pelames, mas também uma “pedra de curtume”, de que há referência em 1412-13 (FERREIRA, 2010: 296). A palavra “pelame”, à semelhança de muitos outros termos medievais, não é unívoca e pode reportar-se “por generalização ao conjunto das instalações de curtição” (MELO, 2021: 90) ou, de forma mais específica, aos tanques. Múltiplos são os documentos que referenciam os pelames, mas tomemos como exemplo um instrumento datado de 21 de Janeiro de 1321, dia em que a Confraria dos

¹ ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 16, N° 16.

² ANTT- Chancelaria de D. Dinis, Livro 3, fl.13.

Sapateiros de Guimarães empraza ao correeiro Afonso Eanes e a sua mulher, Domingas Domingues, umas casas com dois pelames na Rua de Couros³. Algo singular é a terminologia utilizada num instrumento de 1405, onde aparece a indicação a covas de pelames e lagares, sendo que os termos são utilizados para referenciar a mesma estrutura⁴. A designação de covas de pelames é relativamente invulgar, pelo menos entre a documentação já consultada, surgindo-nos novamente em documentos posteriores, mas sempre para identificar estes mesmos pelames nas transações de que foram objeto. Já a indicação a lagares aparece-nos para o século XIV (FERREIRA, 2010: 296), aliás, a 4 de Novembro de 1381, Afonso Anes, sapateiro, na qualidade de herdeiro e testamenteiro de Constança Martins, sua sogra, autoriza, perante Gonçalo Romeu, juiz da vila de Guimarães, o traslado de uma cláusula do testamento desta, pedida pelo cónego Gonçalo Vieira, como procurador do Cabido, respeitante a um maravedi da casa que ela tinha em Rio de Couros, onde estiveram os lagares⁵. Este elemento acaba por nos revelar informação adicional, deixando perceber que houve um desmantelamento dessas estruturas, procedendo-se à sua remoção para outro local, pelo que se poderá equacionar se esses lagares seriam de pedra. No final do século XV, surge a indicação aos aloques, nomeadamente a um aloque de João Álvares de Penselo, que trazia Brás Jorge, e que partia com pelames da Confraria dos Sapateiros (MARQUES, 2013: 42), e a um outro de Pedro Vaz (OLIVEIRA, 1998: 237). Em relação ao primeiro deles, voltamos a ter notícia a 20 de Junho de 1503, dia em que Beatriz Afonso, viúva, mulher que foi de João Álvares de Penselo, reconhecia que a Colegiada de Guimarães deveria receber, anualmente, por um aloque que ela tinha em Rio de Couros, que agora trazia o sapateiro Brás Jorge, duzentos reais brancos, os quais o sapateiro se recusava a pagar⁶. Tal situação de recusa levaria, inclusivamente, à cessação do contrato, comprometendo-se Beatriz Afonso a encontrar um novo caseiro para o aloque até ao São Miguel de Setembro seguinte que cumprisse com tal obrigação, sob pena de tal valor lhe ser subtraído nos bens que ela dera como garantia⁷.

É bastante provável que os termos aloque e pelame sejam sinónimos para designar o mesmo tipo de estrutura (MELO, 2021: 87), normalmente tanques de pedra, sistemas fixos que se encontravam no rio, mas também localizadas no rés-do-chão das habitações, como atestam os inúmeros emprazamentos de casas com pelames, situação ainda visível em algumas das que chegaram aos nossos dias, casas essas que funcionavam simultaneamente como habitação e espaço de curtição das peles (FERNANDES e OLIVEIRA, 2004: 153-154). Não será, no entanto, de excluir a possibilidade de o aloque se diferenciar do pelame, seja pela dimensão, pela finalidade ou por um qualquer outro motivo que desconhecemos.

3 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-45.

4 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 41, Nº 1.

5 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 37, Nº 13.

6 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 72, Nº 38 (Doc. 4 do Apêndice Documental).

7 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 72, Nº 38.



Fig. 1. Placa identificativa da Rua de Couros (AGF 2022).



Fig. 2. Tanques de curtimenta no Rio de Couros (AGF 2022).

E se ao falarmos de lagares, covas, pelames e aloques, estamos a falar de estruturas imóveis, neste caso circunscritas à zona de Couros, a documentação também nos permite conhecer a existência de estruturas de pequena dimensão, amovíveis e, por isso, suscetíveis de serem utilizadas em qualquer casa, como o eram as tinalhas, ou seja, uma espécie de dorna pequena. A existência de uma delas é-nos dada a conhecer a partir de uma sentença de execução de bens, datada de 23 de Agosto de 1383, face a uma dívida que Domingos Geraldês Chapel tinha para com o Cabido de Guimarães, encontrando-se entre os bens do executado “huua tynhalha pequena de curtir peles”⁸. Seria certamente utilizada para o curtume de peles de animais de pequeno porte ou, eventualmente, para fases específicas do processo de curtume. De qualquer modo, as

⁸ ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 37, N.º 14.

suas limitações eram logo ditadas pela sua dimensão e capacidade de volume, o que obrigava, necessariamente, a uma utilização diferenciada da observada nas estruturas fixas. É certo que o termo tinalha pode assumir significação ampla, referindo-se “quer a equipamentos genéricos da curtição, quer a tipos específicos de recipientes para os banhos de imersão das peles, nas atividades iniciais do processo (como as lavagens preliminares, os banhos de cal ou os banhos subsequentes para retirar essa mesma cal com “água humada”). Já as “tinalhas de curtir coiros” e “cordovães”, e as “dornas” parecem ser vocábulos exclusivos para os tanques destinados ao processo de curtição propriamente dito” (MELO, 2021: 89).

2. Os detentores dos pelames

Como seria expectável, os principais detentores dos pelames em Guimarães, ao longo dos séculos XIV e XV, eram as instituições eclesíásticas e as Confrarias, sobretudo a Igreja de Santa Maria da Oliveira e a Confraria dos Sapateiros de Guimarães. A 7 de Outubro de 1358, o chantre e o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães emprazam ao correeiro Lourenço Domingues, à sua mulher, Domingas Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, a casa dos pelames junto ao Rio de Couros, por uma renda de seis libras anuais, a pagar metade pelo Natal e a outra metade pela Páscoa⁹. Tal contrato em três vidas acabaria por não ser cumprido, uma vez que, a 26 de Janeiro de 1370, estes pelames seriam emprazados a Bento Gonçalves, esquireiro, à sua mulher, Maria Martins, e a uma terceira pessoa a nomear posteriormente, desta feita por uma renda de cinco libras e meia anuais, a pagar por dia de São Miguel de Setembro¹⁰. Cerca de meio ano depois, mais especificamente a 22 de Junho de 1370, estes pelames saem da posse do Cabido em virtude de uma permuta com o mosteiro de São Francisco, dando-lhe, justamente, os pelames que trazia o esquireiro Bento Afonso, no Rio de Couros, em troca de umas almuinhas que os franciscanos tinham na Rua Caldeiroa¹¹. De qualquer modo, a Colegiada detinha aí mais pelames e casas com pelames, como o atestam instrumentos de 1384¹² e 1424 (CARVALHO, 1942: 54), situação que parece consolidar-se ao longo do século XV, sendo que a Colegiada possuía aí 3 pelames em 1442 (MARQUES, 1981), 6 pelames em 1462-63, 7 em 1482-1483 e 9 pelames em 1499 (MELO, 2021: 86). Outro grande detentor de pelames na zona de Couros era a Confraria dos Sapateiros que, em 1321, empraza umas casas com dois pelames a um correeiro¹³ e, a 6 de Maio de 1351, empraza uns pelames e uma casa na Rua de Couros ao sapateiro João Lourenço, à sua mulher, Maria Martins, e a todos os seus sucessores¹⁴. O registo da existência destes seus pelames é atestado ao longo do século XV, através dos respetivos contratos de emprazamento¹⁵, sendo que no final desse século detinha o mesmo número de pelames que a Colegiada, ou seja, nove pelames na rua de Couros, como nos mostra o Inventário de 1499 da Confraria e Hospital da Confraria dos Sapateiros de Guimarães (MARQUES, 2013: 20-21, 42-43). Também neste período, a Confraria do Serviço de Santa Maria detinha um pelame em Rua de Couros, que partia com pelames de Brás Jorge e Pedro Anes, bainheiro, junto às paredes, sob o alocue de Pedro Vaz (OLIVEIRA, 1998: 327). De igual modo, a igreja de Santa Margarida aí possuía, pelo menos, um pelame (MARQUES, 2013: 43).

9 AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - I, fl. XL,VIvº). Este documento encontra-se transcrito no Apêndice Documental (Doc. 1).

10 AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - II, fl. Vvº).

11 AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - II, fl. VIII).

12 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 38, Nº 7.

13 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-45.

14 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-58.

15 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-43.

Não obstante o predomínio das instituições eclesiásticas como proprietárias dessas estruturas, algumas delas encontravam-se nas mãos de particulares, o que não impedia que, sobretudo através de doações, acabassem por vir a integrar o património dessas instituições. Entre esses possesores particulares estava o mercador Vasco Domingues de Pentieiros e a sua mulher, Constança Gil, que, a 21 de Setembro de 1405, vendem a Afonso Gonçalves e a sua mulher, Leonor Mateus, umas casas com duas covas de pelames na Rua de Couros, que tinham adquirido a João de Freitas e que confrontavam, de uma parte, com outras casas de pelames também pertencentes a João de Freitas¹⁶.

A 5 de Maio de 1412, esta mesma Constança Gil, numa altura em que o seu marido já tinha falecido, vende aos mesmos compradores, revelando-se aí que Afonso Gonçalves era mercador, um outro pelame na Rua de Couros, que estava dentro da casa que tinham comprado a João de Freitas¹⁷. Curiosamente, estes pelames iriam manter-se em mãos de particulares, uma vez que Afonso Gonçalves e Beatriz Afonso, moradores em Guimarães, na Rua das Flores, vendem, a 10 de Julho de 1438, a João Esteves, sapateiro, e a sua mulher, Catarina Afonso, a casa e três pelames na Rua de Couros¹⁸. Através destas transações, torna-se possível seguir o rastro destes pelames durante quase meio século.

3. Os mesterais que da pele fazem couro e dos que o usam no seu mester

Torna-se, muitas vezes, difícil destringir com clareza aqueles que se dedicavam somente à curtição das peles daqueles que a curtiam e utilizavam como matéria-prima no seu trabalho, como parece suceder com alguns correeiros e sapateiros que controlavam todo o processo, permitindo assim, à partida, menos custos, e um adequado controlo da qualidade do produto (MELO, 2021). É também possível estabelecer uma correlação entre os detentores, bem como entre os foreiros de alguns pelames e os ofícios diretamente relacionados com o couro. Aquilo que a documentação nos permite observar é que existe uma estreitíssima ligação entre os mesteres ligados ao setor dos couros e a exploração dos pelames, como se percebe através dos titulares desses emprazamentos. Se os mais representados são, inegavelmente, os sapateiros, também nos surgem outros ofícios com forte presença, mormente os correeiros e os seleiros. Um retrato bastante demonstrativo desta realidade é-nos dado no final do século XV, sendo que, entre aqueles que estão associados aos pelames, a generalidade está ligada ao setor do couro, com os foreiros a exercerem o ofício de sapateiro, banheiro, seleiro, correeiro, ataqueiro e soqueiro (SÁ, 2001: 116, 143-144; MARQUES, 2013: 20-21, 42-43). Tal não impede a presença de outros mesterais, casos de um barbeiro e um vinhateiro (SÁ, 2001: 116), embora também nestes ofícios seja possível estabelecer alguma ligação com o mundo dos couros, sobretudo no caso dos barbeiros, cujas funções, no final da Idade Média, eram, como adiante veremos, muito mais amplas e distintas daquelas que lhe estão hodiernamente adstritas.

Face às múltiplas aplicações da pele, são muitos os ofícios que lhe estão associados e que nos surgem identificados¹⁹, embora também se notem algumas ausências, sendo que, de entre os mesteres que andam apartados da documentação vimaranense deste período, poderemos destacar os odreiros, isto se considerarmos a relevância que os odres tinham como vasilhame nesta época. Passemos então a uma abordagem mais

¹⁶ ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 41, N.º 1.

¹⁷ ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 40, N.º 9.

¹⁸ ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 48, N.º 31.

¹⁹ A este propósito veja-se, além do incontornável e sempre atual trabalho de A.L. de Carvalho, o excelente contributo de Isabel Fernandes e António de Oliveira sobre os "Ofícios e Mesteres Vimaranense nos séculos XV e XVI", onde são também abordados os mesteres relacionados com o couro. Os Autores recorrem inclusivamente ao regimento de preços, ou taxas de 1552 (já anteriormente publicado por Eduardo de Almeida, "Regimento de salários e preços de 1522 para Guimarães. Revista de Guimarães, 40 (3-4) Jul-Dez. 1930, p. 149-170), a partir do qual nos é permitido conhecer as atividades respeitantes a cada um desses ofícios e apesar de se ter em consideração que não poderão ser replicados para a Idade Média, não deixam ainda assim de fornecer algumas pistas úteis sobre as eventuais funções de cada um desses profissionais.

aprofundada daqueles que estavam diretamente relacionados com a preparação e trabalho do couro.

Peliteiros

Os peliteiros ou piliteiros eram aqueles que trabalhavam com as peles e dominavam todo o processo do curtume até à venda das peças de couro, assumindo assim também a valência de mercadores. Essas peles poderiam ser de animais selvagens ou domésticos e as etapas e o processo de preparação diferia consoante os tipos de peles e a sua finalidade, com um grau de especialização de alguns indivíduos em determinado género de peles e funções concretas, mas uma arte que, no geral, se foi transmitindo ao longo dos séculos sem grandes alterações (CARVALHO, 1942). Neste particular, é interessante verificarmos que alguns dos métodos de trabalho e os utensílios utilizados se mantiveram inalterados durante cerca de quinhentos anos, como ilustram as imagens e o atesta a faca de duplo cabo de lâmina curva.



Fig. 3. Curtidor / Peliteiro (Alemanha, século XV).
Fonte: Dier Hausbücher derNürnberger Zwölfbrüderbücher (Mendel 1,92r.).

Fig. 4. Surradores (Guimarães?) - Século XX (1908).
Fonte: Carlos Gomes – Blogue do Minho (<https://bloguedominho.blogs.sapo.pt/>).

Curiosamente, os peliteiros começam a escassear na documentação do século XV e, no século XVI, aparecem-nos designações como curtidores e surradores, que poderemos considerar os seus substitutos naturais e herdeiros diretos do seu ofício, profissões estas que ainda se mantinham no século XX. Face a este conhecimento de todo o processo de curtimenta por parte dos peliteiros e o provável envolvimento de muitos deles no comércio das peles, não é de estranhar que alguns deles explorassem pelames, como é o caso do peliteiro Geraldo Martins²⁰. Foi possível, até ao momento, identificar 36 peliteiros para Guimarães, dos quais trinta para o século XIV e apenas seis para o século XV. Quanto à sua implantação geográfica, e apesar de não ser revelada a maioria dos locais de morada, constata-se, a partir dos dados disponíveis, uma forte presença dos peliteiros na vila do Castelo e na Rua de Gatos, numa distribuição equitativa, identificando-se quatro indivíduos em cada uma dessas áreas.

²⁰ AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-57.

Lavadores de couros e Esqueireiros

Além dos peliteiros, aparecem-nos dois outros ofícios aparentemente relacionados com o curtume das peles, e tão curiosos quão invulgares, nomeadamente os lavadores de couros e os esqueireiros ou isqueireiros. Em relação aos lavadores de couros temos apenas uma referência, trata-se de João Castelão, lavador dos couros que, a 17 de Setembro de 1384, trazia emprazada uma casa com pelames na Rua de Couros²¹. E se em relação a este caso parece não existir dúvidas quanto às suas funções, já a questão dos esqueireiros ou esquireiros levanta algumas interrogações. Em concreto, não se sabe quais as tarefas exercidas por estes esqueireiros, embora estejamos convictos que a sua ligação ao setor do couro é inequívoca, provavelmente com funções que não difeririam muito das dos peliteiros, podendo, eventualmente, assumir algum papel específico no processo da curtimenta. Parece verificar-se um declínio ou uma reconversão da sua atividade laboral, isto a avaliar pela proeminência que perdem com a entrada da centúria de quatrocentos. Também aqui existem algumas similitudes com os peliteiros, uma vez que ambos vão desaparecendo da documentação no século XV, de resto dos 12 esqueireiros que foi possível identificar, 11 são respeitantes ao século XIV, e mesmo aquele que nos surge para o século XV é referenciado em 1405, portanto, no princípio do século. Trata-se de Vasco Afonso que, curiosamente, surge, a 21 de Setembro de 1405, a testemunhar a venda de uma casa com pelames na Rua de Couros²². Já um outro esqueireiro, Bento Gonçalves, trazia emprazados pelames da Colegiada de Santa Maria da Oliveira, no Rio de Couros, ao fundo do mosteiro de São Francisco, num contrato de três vidas, firmado a 26 de Janeiro de 1370, que contemplava também a sua mulher, Maria Martins, e uma terceira pessoa a nomear pelo sobrevivente deles, pagando de renda, anualmente, por dia de São Miguel de Setembro, cinco libras e meia²³.

Correeiros

Os correeiros eram, seguramente, dos artífices que mais trabalho tinham. Faziam cintos, bolsas, as aljavas para as flechas, estofavam arcas, bancos e cadeiras. Produziam também todo o género de arreios e apetrechos para os cavalos (FERNANDES e OLIVEIRA, 2004; FERREIRA, 2007). A este propósito, é de realçar que, no século XVI, uma parte substancial dos arreios e estribos comercializados em Lisboa eram provenientes de Guimarães (BRANDÃO, 1990: 54). Como já supra assinalado, é crível que alguns correeiros, à semelhança dos peliteiros e de alguns sapateiros, também conhecessem, dominassem e realizassem todo o processo de curtume, isto tendo em consideração o número de pelames que estavam nas mãos dos correeiros. Tal sucede com os casos, já acima referenciados, de Afonso Eanes, em 1321²⁴, Lourenço Domingues, em 1358²⁵, mas também com o correeiro João Gonçalves que, a 20 de Janeiro de 1499, trazia um pelame (MARQUES, 2013: 43). De igual modo, um dos três pelames que a Colegiada da Oliveira tinha em 1442 encontrava-se emprazado a um correeiro (MARQUES, 1981). Conseguimos identificar 34 correeiros em Guimarães para os séculos em apreço. Encontravam-se dispersos pela vila, desde logo, e de forma expectável, na Rua de Couros, mas também na Rua das Ferrarias, Rua de Santiago, Rua Sapateira, Rua Nova de Domingos Longo, Arrochela, Rua de Gatos, Vale de Donas e Rua de Santa Maria.

21 ANTT – CSMO, Docs. Particulares, M. 38, Nº 7. Este documento encontra-se transcrito no Apêndice Documental (Doc. 3).

22 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 41, Nº 1.

23 AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - II, fl. Vvº). Este documento encontra-se transcrito no Apêndice Documental (Doc. 2).

24 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-45.

25 AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - I, fl. XLVIvº).

Ataqueiros

Os ataqueiros podem considerar-se uma subcategoria dos correeiros, cingindo-se, inicialmente, a uma atividade muito específica: fazer as atacas, ou seja, correias simples e que serviam essencialmente para atar ou unir outras peças. Poderiam também preparar as correias para os cintos. No século XVI, os ataqueiros de Guimarães também fazem e vendem bolsas e luvas (FERNANDES e OLIVEIRA, 2004: 76), embora a produção de luvas seja, em muitos locais, exclusiva dos luveiros. As luvas poderiam ter diversas finalidades, desde fins militares, para proteção em algumas profissões, caso dos falcoeiros (PEREIRA, 2009: 117), ou como simples peça de vestuário. Em Guimarães, só detetamos o ofício de ataqueiro à entrada do último quartel do século XV, sendo possível identificar seis indivíduos, dois dos quais exploravam pelames. Trata-se de Pedro Gonçalves que, em 1499, trazia um pelame da Confraria dos Sapateiros, o qual partia com um aloque de João Álvares de Penselo, que trazia Brás Jorge, e com um outro pelame que trazia Pedro Martins, também ataqueiro (MARQUES, 2013: 42).



Fig. 5. Ataqueiro.
(Alemanha, século XV).
Fonte: Dier Hausbücher
der Nürnberger
Zwölfbrüderbücher
(Mendel I, 44v°).

Nome do Ataqueiro ²⁶	Data Ref.	Fonte
João Anes	20-11-1478	ANTT- CSMO, DP, M. 66, Nº 18
João de ----	?-12(?)-1474(?)	AMAP – CSMO, Perg., 8-3-4-9
Lopo Dias	03-08-1473	ANTT – LN, L. 4 de Além Douro, fl. 2vº-3
Lopo Dias	25-02-1486	ANTT – LN, L. 3 de Além Douro, fl.118vº- 120
Pedro Dias	27-01-1498	MARQUES, 1984: 87
Pedro Gonçalves	1498	FERNANDES e OLIVEIRA, 2004: 76
Pedro Gonçalves	20-01-1499	MARQUES, 2013: 42
Pedro Martins	18-05-1498	ANTT- CSMO, DP, M. 70, Nº 12
Pedro Martins	20-01-1499	MARQUES, 2013: 42

²⁶ Face às naturais limitações de espaço a que obedecem estes artigos, não é possível apresentar aqui a listagem de todos os mesterais que foi possível identificar. Por isso, optámos por colocar apenas as listagens respeitantes àqueles mesteres que têm representações mais reduzidas.

Seleiros

Os seleiros produziam diversos tipos de selas, embora importe ter em consideração que estes mesterais eram, normalmente, responsáveis apenas pela parte em couro, ou seja, os revestimentos, sendo o vaso ou fuste (estrutura e enchimento) da responsabilidade dos fusteiros (PEREIRA, 2009: 63-74). Um destes mesterais, Gonçalo Gonçalves, trazia, em 1499, emprazado um pelame da Confraria dos Sapateiros que confrontava, de uma parte, com casas do sapateiro Luís Anes, e da outra, com um outro pelame dessa mesma Confraria, que se encontrava aforado à mulher de Jorge Eanes, sapateiro de profissão, e por essa altura já falecido, e do qual o seleiro pagava de renda 20 reais anuais (MARQUES, 2013: 43). Para os séculos XIV e XV foi possível identificar 22 seleiros em Guimarães, encontrando-se distribuídos, sobretudo, pela vila do Castelo e pela Rua Nova do Muro.

Albardeiros

Relacionados com o mundo equídeo temos também os albardeiros que, como o nome indica, fabricavam as albardas. Existem poucas referências a albardeiros em Guimarães, tendo-se detetado, para o período cronológico em análise, os quatro mesterais presentes nesta listagem, dos quais sabemos que Pedro Lourenço morava na vila do Castelo e Pedro Afonso vivia numa casa nas estrebarias.

Nome do Albardeiro	Data Ref.	Fonte
Gonçalo Afonso	22-07-1411	AMAP - CSMO, LNA-X, fl. 21vº
João Álvares	31-10-1477	AMAP- CSMO, LNA-XII, fl. 20vº
Pedro Afonso	13-07-1362	ANTT- CSMO, DP, M. 34, Nº 10
Pedro Lourenço	13-10-1402	ANTT- CSMO, DP, M. 40, Nº 15

Barbeiros

Outros mesterais que, surpreendentemente, têm ligação ao couro são os barbeiros. Eram, verdadeiramente, os homens dos sete ofícios: cortavam a barba e o cabelo; faziam as comuns sangrias; amolavam todo o tipo de instrumentos cortantes (foices, facas, cutelos, tesouras de alfaiate). Também limpavam e afiavam os diversos tipos de armas, mas a ligação que nos importa aqui advém do facto de serem eles quem, frequentemente, eram solicitados para revestir os punhos das espadas com couro, fazendo também as bainhas e cintas, tarefas essas que poderiam igualmente ser executadas pelos bainheiros. Até ao momento, foi possível identificar duas dezenas de barbeiros para Guimarães no final da Idade Média, mais concretamente para o século XV, uma vez que tais profissionais não são aí mencionados durante o século XIV.

Sapateiros

Os sapateiros faziam diverso tipo de calçado, de resto, neste período medieval (séculos XIV e XV), encontram-se referências a sapatos de vaca, sapatos de ponta, sapatos de cabeça redonda, sapatos compridos, gramaias, botas, botas de gamo altas, botinas de mulher, borzeguins, servilhas, pantufos, socos e chapins (MARQUES, 1981; FEIO,

2017: 115-117). Para Guimarães, as fontes não são, neste particular, muito incisivas, mas não deixa de ser curioso que, a 8 de Abril de 1336, o correio Domingos Peres e a sua mulher, Maria Vicente, recebam do sapateiro Fernão Lourenço e da sua mulher, Esteva Martins, dois pares de sapatos de entrada do subemprazamento que lhes fizeram de umas casas na Rua Nova do Muro²⁷.

A matéria-prima mais utilizada na confeção do calçado era o cordovão, mas usavam-se vários tipos de couro, diversidade de opções com a correspondente e natural repercussão no preço do produto final. Neste particular, o calçado mais barato era o de pele de vaca, por isso o mais acessível à generalidade da população. Sabe-se que havia também sapateiros que consertavam e vendiam apenas calçado usado. É provável que também em Guimarães, à semelhança do que sucedia noutros locais do país, os sapateiros que trabalhassem com pele de vaca não pudessem trabalhar outras peles. Havia, de igual modo, distinção entre os que trabalhavam com pele de cabra e os que trabalhavam com pele de carneiro, sendo que as posturas de Lisboa e Évora dos séculos XV proibem, inclusivamente, a mistura e utilização das diferentes peles num mesmo artigo (RODRIGUES, 1974: 69; FEIO, 2017).

Soqueiros

Entre os sapateiros, também existem mestirais com determinadas especializações, nomeadamente os borzegueiros e os soqueiros. Os borzegueiros faziam um tipo de calçado específico, os borzequins, mas no caso de Guimarães, e até ao momento, ainda não encontramos qualquer indicação a estes profissionais para os dois séculos finais da Idade Média, embora a sua presença na vila esteja confirmada para o século XVI (FERNANDES e OLIVEIRA, 2004: 84-85). Quanto aos soqueiros, faziam socos, calçado também posteriormente conhecido por tamancos e que ainda hoje é utilizado e comercializado. Os socos, de entre os diversos tipos de calçado, seriam dos que, aparentemente, menos complexidade técnica aportavam, sendo constituídos por uma sola de madeira a que se prendia o couro com tachas. Detetamos oito soqueiros para Guimarães neste período.

27 ANTT- CSMO, Docs. Particulares, M. 23, N° 24. Também Gervás Gonçalves, abade da igreja de São Bartolomeu de São Gens receberia de entrada, por um emprazamento feito a 21 de Novembro de 1428, "tres pelles cabruas curtidas para botas" (ANTT- CSMO, DP, M. 45, N° 15).

30

Nome do Soqueiro	Data Ref.	Fonte
Afonso Esteves	16-12-1355	AMAP - CSMO, LNA - I, fl. XLII
Estêvão Martins	25-02-1348	AMAP - Perg. Câm. (8-1-1-12)
Estêvão Martins	11-07-1359	ANTT - CSMO, DP, M. 30, N° 26
Gonçalo Domingues	20-05-1356	AMAP - CSMO, LNA - I, fl. XLIII
Gonçalo Pires	26-02-1348	AMAP - Perg. Câm. (8-1-1-12)
João Afonso	19-12-1414	AMAP - CSMO, LNA - X, fl. XXXIX
Nicolau Álvares	1498	FERNANDES e OLIVEIRA, 2004: 158
Pedro Álvares	08-09-1468	AMAP - ISCSC (11-24-7-8-9)
Vicente Rodrigues	02-05-1334	AMAP - CSMO, Perg., (8-2-2-30)
Vicente Rodrigues	27-10-1348	ANTT - CSMO, DP, M. 30, N° 15
Vicente Rodrigues †	06-11-1353	ANTT - CSMO, DP, M. 31, N° 38

Além destas especializações, havia pessoas com outras funções e que nos ajudam a perceber a própria organização do trabalho na oficina, caso de Gonçalo Afonso, referenciado em 1445 como criado do sapateiro Lourenço Anes e também seu costureiro²⁸.

Como já adiantado, alguns sapateiros também deveriam curtir os couros, uma vez que detinham ou, pelo menos, exploravam pelames, como são os casos dos sapateiros João Lourenço²⁹, João Esteves³⁰, João de Basto³¹, João Inglês, Jorge Eanes, Afonso Esteves (MARQUES, 2013: 43) e Brás Jorge³². Os sapateiros são um dos mesteres mais representativos de Guimarães na época medieval, tendo-se contabilizado cerca de duas centenas de sapateiros para os séculos XIV e XV. Tal número só tem similitude com o dos alfaiates e dos mercadores. À sua elevada expressão estava associada uma forte influência económica e social, permitindo-lhes a criação da Confraria dos Sapateiros. Quanto à sua distribuição geográfica, é perceptível uma maior concentração na Rua Sapateira, com cerca de uma dezena de profissionais, no entanto, eles encontram-se espalhados por vários locais, desde o castelo, à Rua de Gatos, Rua de Couros, Rua de Santiago, Rua Nova do Muro, Rua Caldeiroa e Rua de Santa Maria.

Conclusão

Este percurso pelo mundo dos couros em Guimarães ao longo dos dois séculos finais da Idade Média permite-nos perceber o enorme impacto que esta “indústria” tinha na sociedade vimaranense, quer pelos múltiplos mesteres que lhe estavam associados quer por toda a cadeia económica que gerava e alimentava. E se a zona de Couros é o epicentro desta atividade e muitos mesterais que dela dependiam aí se fixavam, ela acabava por extravasar esse espaço geográfico e estendia-se para intramuros. Não sendo possível identificar quer a localização da morada, quer do local de trabalho de um significativo número dos oficiais identificados, torna-se difícil estabelecer uma correlação entre determinadas profissões e certos espaços ou artérias da vila, embora os dados disponíveis não apontem para uma expressiva concentração de mesterais num determinado sítio. Tal dispersão também é reveladora da interação entre os diversos profissionais que estavam dependentes uns dos outros, bem como do próprio dinamismo económico da Guimarães medieval, cuja indústria dos couros agregava um conjunto significativo de mesteres e mesterais.

28 AMAP – CSMO, Pergaminhos, 8-2-5-23.

29 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-58.

30 ANTT - CSMO, Docs. Particulares, M. 48, N° 31.

31 AMAP – Irmandade de São Crispim e São Crispiniano, Pergaminhos, 8-5-4-43.

32 ANTT - CSMO, Docs. Particulares, M. 72, N° 38.

Apêndice Documental

Doc.1

1358 OUTUBRO, 07, Guimarães – O chantre e o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães emprazam a Lourenço Domingues, correeiro, à sua mulher, Domingas Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, a casa dos pelames junto ao Rio de Couros, por uma renda de seis libras anuais, a pagar metade pelo Natal e a outra metade pela Páscoa.

AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - I, fl. XLVIvº).

Sabham todos que nos chantre e cabidoo da Igreja de Sancta Maria de Guimaraens emprazamos a vos Lourenço Dominguez correeiro presente da dicta villa e a vossa mulher Domingas Martinz e a huua pessoa depos vos qual o prestumeiro de vos nomear a nossa casa dos pelames que esta a par de Ryo de Coyros e parte da huua parte com o ryo e da outra com a almuinha dos frades de Sam Francisco com sas entradas e saidas per tal condiçom que façades hi benffectoria e melhoramento e adubedes de todo aquilo que aver mester salvo de fogo ou d'arrounhamento e que nos dedes em cada huum anos seis libras de dinheiros portugueses a mayatade per Natal e a meyatade por Pascoa e começar este Natal que vem e que ajades as rendas que ora dela som por pagar des Sanhoane aca e quem contra esto for peite de pea quinhentos soldos e o prazo valer e pedirom assy huum prazo e o dicto Lourenço Dominguz outro. Fecto foy Guimaraens na Igreja de Sancta Maria de Guimaraens a par da oussia de Sanhoane no lugar hu de custume soeem seer aa pregaçom sete dias d'Outubro Era de mil trezentos noventa e seis annos. Testemunhas Gil Lourenço Gil Perez coonigos e Joham Azedo mercador e Affonso Fernandiz de Crasto e Martim Anes clerigo e Domingos Stevez de Monte Cordova e outros. E eu Vaasco Lourenço tabelliom de Guimaraens que este prazo pera o dicto cabidoo e outro semelhavil a el per mandado e outorgamento dos sobredictos screvy e aqui meu signal fiz que tal (sinal) he. [Pagou] IIII soldos.

Doc.2

1370 JANEIRO, 26, Guimarães – O chantre e o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães emprazam a Bento Gonçalves, esqueireiro, à sua mulher, Maria Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, os pelames em Rio de Couros, por uma renda de cinco libras e meia anuais, a pagar por dia de São Miguel de Setembro.

AMAP – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Livros de Notas, C-926 (Livro de Nota Antiga - II, fl. Vvº).

Sabham todos que nos chantre e cabydoo da Egreja de Sancta Maria de Guimaraens seendo em cabydoo chamados pera esto que se sege emprazamos a vos Beito Affonso esqueireiro morador em a dicta villa pressente e a vossa molher Maria Martinz nom presente e a huua <pessoa> qual o prestrumeiro de vos nomear a seu saymento os pellames

que o dicto cabydoo ajam em Ryo de Coiros a fundo do moesteiro de Sam Francisco assy como os tragia Lourenço correiro com esta condiçom que os adubedes de todallas coussas que ouverem mester salvo de cobertura se lha nom quisserdes poer e dedes de renda vos e as dictas pessoas em cada huum anno ao dicto cabydoo por todallas coussas cinco libras e meya de dinheiros portugueses por dia de Sam Myguel de Setembro e começardes a primeira paga este Sam Myguel primeiro seguinte e vos nom os poderdes leyxar nem o dicto cabydoo a vos tolher so pea de quinhentos soldos e este prazo valler e as partes pedirom senhos prazos. Fecto foy na cassa hu fazem cabydoo vinte e seys dias de Janeiro Era de mil quatrocentos e oyto annos. Testemunhas Pero Affonso clerigo de Cerzedo Pero Dominguez de Sylvares Gomez Coelho e Gonçallo Romeu e outros. E eu Vaasco Martinz tabeliom de Guimaraens que este prazo e outro semelhavyl a ele escrevy e aqui meu synal fiz que tal he (sinal). [Pagou] IIII soldos.

Doc.3

1384 SETEMBRO, 17, Guimarães – Gonçalo Vieira e João Anes, cónegos da Igreja de Santa Maria de Guimarães, na qualidade de procuradores do Cabido, tomam posse de uma casa que está na Rua de Couros que traz João Castelão, lavador dos coiros.

ANTT – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos Particulares, M. 38, N° 07.

Sabham todos que presente mim Alvare Anes tabeliom del Rey na villa de Guimaraens e as testemunhas adeante scriptas dez e sete dias do mes de Setembro da Era de mil e quatrocentos e vynte e dous annos Gonçallo Vieira e Johane Anes coonegos da Egreja de Sancta Maria da dicta villa chegarom a Rua de Coiros arravalde da dicta villa e come coonigos da dicta Egreja e come procuradores do cabydoo dessa Egreja tomarom posse de huua cassa que esta na dicta rua que ora trage Joham Castellaa lavador dos coiros que partem da huua parte com cassa de pellames e da outra com huum pardieiro que som do dicto cabydoo e com rua publica com seus pellames per chave e per portas abertas da dicta cassa e per terra e pedra e telha da dicta cassa e disserom que per aly tomavam posse da dicta cassa com seus pellames e com suas perteenças que a ella perteence pera os coonigos e cabiido da dicta Egreja de Santa Maria averem per ella em cada huum anno huum maravedi velho de dinheiros portugueses que lhes per ella mandou Costança Martinz morador que foy na dicta villa em seu testamento por noversaria segundo se contem em huua sentença de Gonçalo Romeu juiz que foy da dicta villa facta e asignaada per Vasco Martinz tabeliom da dicta villa. E os dictos coonigos asy ouverom e receberom a posse da dicta cassa e derom e entregarom logo a chave da dicta cassa ao dicto Joham Castellaa de sa maa que a guardasse e que daqui en deante desse e pagasse per a dicta cassa em cada huum anno aos dictos coonigos e cabydoo huum maravedi enquanto em ella vivese e o dicto Joham Castellaa asy recebeu a dicta chave e ficou que desse ao dicto cabydoo o dicto maravedi em cada huum anno per a dicta cassa e perteenças della enquanto em ella vivesse. E os dictos coonigos asy pedirom huum ou dous stormentos pera o dicto. Fecto foy no dicto logo dias Era

mes sobredictos. Testemunhas que a esto foram presentes Gonçalo Anes e Pere Anes çapateiros e o dicto Joham Castellao e outros e eu tabeliom sobredicto que este screpvi e aqui meu signal pugy (sinal). [Pagou] seys soldos.

Doc.4

1503 JUNHO, 20, Guimarães – Beatriz Afonso, viúva de João Álvares de Penselo, dá como garantia de pagamento de 200 reais anuais, à Colegiada de Guimarães, um casal na freguesia de Gémeos, em Riba de Vizela, e umas casas na Rua do Gado, valor respeitante ao alogue que ela tinha em Rio de Couros, e que estava emprazado ao sapaiteiro Brás Jorge, que se recusava a pagá-los.

ANTT – Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Documentos Particulares, M. 72, N° 38.

Saibham os que este estormento d'obrigaçam virem que no anno do nascimento de Noso Senhor Jhesus Chrispto de mill e quinhentos e trres annos vinte dias do mes de Junho do dicto anno na muito devota e homrada e Igreja Colegiada de Santa Maria de Oliveira da villa de Guimarraes na capeella mayor da dicta Igreja estando hy o bacharell Fernamd'Alvarez chantre e Luis Vaaz e Gill Vasquiz e Vasquo Martynz e Gonçallo Fernandez Joham Dominguiz abbade de Taagillde e Gonçallo Martynz e Estevam Affomso todos conigos prebemdados na dicta Igreja e outrosy estando hy Briatyz Affomso dona viuva molher que foy de Joham Alvarez de Pensello em presença de mym puplico notairo e testemunhas adiante escriptas a dicta Briatyz Afomso disse que elles dictos conigos e cabydoo da dicta Igreja haviam daver em cada huum anno per huum seu alogue que ella tem em Ryo de Coyros que ora traz Bras Gorge çapateiro duzentos reais brancos de dez pretos o real e que porquanto o dicto Bras Gorge nom quer pagar aos dictos conigos e cabydoo os duzentos reais que ella Briatiz Affomso se hobriga per sy e per seus beens moveeis e de raiz de dar o dicto allogue a tall pessoa que pague os dictos duzentos reais aos dictos conigos e cabydoo e obrigue seus bees a lhos pagar e esto ataa este Sa'Miguell de Setembro primeiro que vem no dicto anno de quinhentos e trres annos e nom damdo ella Briatyz Affomso caseiro ao dicto alogue que pague os dictos dinheirros ao dicto cabydo que ella de ao dicto cabydoo huum seu casall d'erdade que ella tem em Riba de Vizella na freguesia dos Gemeos e huuas casas na Rua do Gaado em que mora Bastiam Dominguiz cereligo e que elles dictos conigos e cabydoo ajam os dictos duzentos reais quer pollo dicto casall quer pollas dictas casas assy e polla guisa que o aviam daver pollo dicto alogue segundo a forma da escriptura que he pasada antre o dicto Joham Alvarez e ella dicta sua molher Briatyz Affomso com o dicto cabydoo e as dictas partes asy o outorgarom e pediram senhos estormentos. Testemunhas que a esto foram presentes Ruy Periz mercador criado do contador Ruy Mendez e Gonçalle Anes abbade de Santa Maria dos Gemeos e outros. E eu Nuno de Vargas(?) puplico notairo na dicta villa de Guimarraes e seus termos pollo senhor ducque de Bragamça e da dicta villa nosso senhor que este estormento d'obrigaçam escrepvy e aqui meu synall fiz que tall he (sinal). Pagou com nota XXb reais.

Bibliografia

- BRANDÃO, João (1990). *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CARVALHO, A. L. de (1942). *Os Mesteres de Guimarães*, Vol. III. Guimarães: Edição Subsidiada pelo Instituto Nacional do Trabalho.
- FEIO, Rodolfo Nunes Petronilho (2017). *Por Prol e Bom Regimento: A cidade e o trabalho nas posturas antigas de Évora*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FERNANDES, Isabel Maria, OLIVEIRA, António José (2004). Ofícios e mesteres vi-maranenses nos séculos XV e XVI, *Revista de Guimarães*, 113-114, 43-209.
- FERREIRA, Maria da Conceição Falcão (2010). *Guimarães: duas vilas, um só povo. Estudo de história urbana (1250-1389)*. Braga: CITCEM, Universidade do Minho.
- Livro das Posturas Antigas* (1974). Leitura e transcrição paleográfica de Maria Teresa Campos Rodrigues. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1981). *A sociedade medieval portuguesa: Aspectos de vida quotidiana*, (4ª Ed). Lisboa: Sá da Costa Editora.
- MARQUES, José (1981). Património e Rendas da Colegiada de Guimarães, em 1442, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada: 850º aniversário da Batalha de São Mamede (1128-1978)*, Vol. II. Guimarães: Comissão Organizadora, 213-237.
- MARQUES, José (1984). A confraria de S. Domingos de Guimarães (1498), *Revista da Faculdade de Letras: História*, Série 2, Vol. 1, 57-95.
- MARQUES, José (2013). A Confraria e o Hospital dos Sapateiros de Guimarães: património e inserção social, em 1499, *Boletim de Trabalhos Históricos*, III Série, Vol. II, 2012-2013, 10-60.
- MELO, Arnaldo Sousa (2021). A produção de couros em Portugal nos séculos XIV e XV. Um modelo de organização na Idade Média, *eHumanista*, 49, 84-95.
- OLIVEIRA, António José de (1998). *A Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (Séculos XIV- XVI)*. Dissertação de Mestrado em História e Cultura Medievais. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.
- PEREIRA, Franklin (2009). *Ofícios do Couro na Lisboa Medieval*. Lisboa: Prefácio.
- PINTO, Maria Elisabete de Sousa (2012). Os “homens de couros”: marcas no presente do passado da indústria de curtumes em Guimarães, in *I Congresso Histórico Internacional As Cidades na História: População*, Vol. V: Cidade Presente. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 257-287.
- SÁ, Alberto (2001). *Sinais da Guimarães Urbana em 1498*. Dissertação de Mestrado em História e Cultura Medievais. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.